

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14880111>

Editorial

Prezados leitores.

A efervescência da produção de conhecimentos compromissada com a justiça social, preocupada em coconstruir sentidos e significados, respaldada pelas narrativas culturais de nosso país, ganha maior visibilidade no 7CBEm - Sétimo Congresso Brasileiro de Etnomatemática. O 7CBEm foi um evento que reuniu diferentes pesquisadores, professores e estudantes, cujo os interesses recaem sobre a matemática e a cultura, trazendo os aportes do Programa Etnomatemática como principal referencial teórico. Realizado em Macapá, Amapá, entre os dias 17 e 20 de setembro de 2024, assumiu como temática: “As dimensões da Etnomatemática na valorização das identidades culturais”, contando com 153 submissões entre comunicações orais e pôsteres. Contou, ainda, com palestrantes de Norte a Sul do Brasil e internacional, além de abrir a oportunidade para representantes de comunidades indígenas e quilombolas exporem suas atividades culturais e acadêmicas.

Posto isto, após o evento, a *Revista Science and Knowledge in Focus – SKF*, comprometida com a organização e divulgação de pesquisas acadêmica-científicas, abriu espaço para a divulgação de alguns dos trabalhos apresentados durante a ocorrência do evento. Diante disso, foram selecionados vinte e dois (22) trabalhos para serem publicados nesse número temático. Entretanto, somente dezesseis (16) submeteram seus textos, em versão ampliada do trabalho apresentado no 7CBEm. Cabe-nos apresentá-los, fazendo um pequeno resumo de cada um.

Estes artigos trouxeram para o debate os mais variados temas, as quais, alguns deles, enfatizaram a educação antirracista, a educação do campo e a educação financeira. Tanto a educação antirracista quanto a educação do campo aliam-se na promoção e valorização da cultura, envolvida pelos saberes e fazeres de afrobrasileiros e grupos do campo. Portanto, os desafios estes tipos de educação são desenvolver estratégias para implementar materiais didáticos de qualidade, promovendo a equidade étnico-racial, bem como os interesses camponeses no ensino da matemática.

Já a educação financeira se faz presente nas salas de aula na busca pelo gerenciamento consciente dos recursos econômicos das pessoas. Nesta perspectiva, os assuntos abordados em três destes artigos são as manifestações afrobrasileiras e indígenas com ênfase na lei 11.645 de 2008 e afroetnomatemática. Inerentes a estes assuntos, é importante, e torna-se relevante, a valorização dos saberes e fazeres destes grupos socioculturais, na tentativa de visibilizá-los por seus pertencimentos identitários e geopolítico.



Dois trabalhos trouxeram o açaí, fruto de destaque na região Norte do país, realçando a produção de suco e polpa e o empreendedorismo dos batedores de açaí. Dois focaram o ensino de matemática para os anos iniciais do ensino fundamental, trazendo desafios e possibilidades e a aprendizagem da geometria neste nível de ensino, com auxílio de recursos concretos do cotidiano das crianças. Dois abordaram os saberes e fazeres indígenas, um envolvendo a função afim das flautas Rikbaktsa, outro abordando os etnoconhecimento sobre etnomedicinais desenvolvidos em comunidades indígenas.

Outros trabalhos trouxeram assuntos diversificados como emoção e conhecimento, buscando a afetividade para o engajamento e o bem-estar emocional dos alunos, impactando diretamente o processo de aprendizagem. Além disso, houve o tratamento de formas de vida de estudantes para o entendimento de questões sociais e econômicas. O assunto sobre privação de liberdade foi enfatizado por meio de origamis tridimensionais, assumido como um passatempo que envolve habilidades psicomotoras, atenção, motivação, reciprocidade e aprendizagem.

Pelo viés da decolonialidade e etnomatemática foi feita uma análise, em um dos trabalhos, a qual resultou na valorização dos saberes das culturas historicamente subalternizadas pelo viés de uma etnomatemática decolonial. Um dos trabalhos aborda sobre a contra colonização e, olhando para os saberes de pescadores artesanais, foi possível compreender que a difusão de saberes ocorre por meio de observações das práticas pesqueiras no núcleo familiar.

Sobre a difusão dos saberes de agricultores de mandioca e rizicultores, os quais sofreram modificações, o primeiro se faz de maneira oral entre eles e pessoas de outras comunidades. E o segundo por meio da comunicação entre os indivíduos, dos quais resultam a compatibilização de comportamentos. Por fim, um dos trabalhos abordou os saberes e fazeres ancestrais na Comunidade Quilombola Santa Luzia do Maruanum, em que a força de trabalho recai sobre as mulheres com a confecção de louças de barro, artesanato em destaque na região amapaense.

Diante de tamanha profusão de conhecimentos torna-se relevante, a cada um destes trabalhos, o mosaico criado por diferentes pesquisadores e pesquisadoras, de variadas regiões do país. Entretanto, entendemos este mosaico como uma maneira de descentralização da produção de conhecimentos, ou seja, coube a região Norte, mais precisamente ao Estado do Amapá, capital Macapá, local onde ocorreu o 7CBEM, demonstrar que essa produção não fica restrita ao eixo Sudeste/Sul. Neste viés, entendemos como Hooks (2013, p. 86)¹ que uma “teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim.” É uma

¹ HOOKS, Bell. Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.



prática libertadora quando a teoria desenvolvida por cada pesquisador e pesquisadora se torna um movimento de cura e um ato insurgente de contracolônização² entendido como um processo de enfrentamento dos grupos socioculturais invisibilizados.

Finalmente, cabe-nos ressaltar o esforço da equipe para a publicação dos artigos, composta pelos editores e avaliadores dos trabalhos. Cabe-nos, ainda, expressar nossa alegria pelo aceite daqueles e daquelas os quais foram convidados à participação. Convidamos aos leitores e às leitoras a embarcarem nesta viagem, formada pelos diferentes artigos a fim de tecerem diálogos com suas pesquisas e escritos. Que possamos seguir tecendo uma rede em que todos e todas, de mãos dadas, produzam seus trabalhos para a justiça sociocultural!

Macapá, 31 de dezembro de 2024

Sandra Maria Nascimento de Mattos
José Roberto Linhares de Mattos

² SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

